

A PRODUÇÃO LITERÁRIA MODERNISTA DE PLÍNIO SALGADO E SUAS INFLUÊNCIAS NO INTEGRALISMO

RODRIGO SANTOS DE OLIVEIRA *

RESUMO: A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi o primeiro movimento político de massas organizado, nacionalmente, no Brasil; pode ser, inclusive, considerado um dos precursores dos partidos políticos em âmbito nacional no país – lembrando que até a formação da AIB, em 1932, não existiam agremiações políticas nacionais e sim regionais. Uma das principais bases do integralismo foi o nacionalismo exacerbado e suas origens remontam à participação de Plínio Salgado enquanto escritor modernista, na década de 1920. Em sua militância nas correntes nacionalistas, que se formaram no momento posterior à Semana de Arte Moderna (1922), foi organizando e estruturando os princípios de sua concepção nacionalista, a qual, na década seguinte, viria a se consolidar na formação da AIB. A partir destas considerações objetiva-se analisar a produção modernista de Plínio Salgado e perceber como esta se refletiu no integralismo.

PALAVRAS-CHAVE: Plínio Salgado, Modernismo, Integralismo.

ABSTRACT: The Ação Integralista Brasileira (AIB) was the first mass political movement organized, nationally, in Brazil. It can even be considered one of the precursors of political parties at the national level in the country - recalling that until the formation of AIB, in 1932, there were no national but regional political parties. One of the main bases of the integralism was excessive nationalism and its origins date back to the participation of Plínio Salgado as modernist writer in the 1920's. In his activism in the nationalist currents that formed in time after the Week of Modern Art (1922) he was organizing and structuring the principles of his nationalist conception, which in the following decade,

* Professor Adjunto nos cursos de Bacharelado e Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: oliv.rod@hotmail.com.

was to consolidate the formation of AIB. From these considerations it is aimed to analyze the modernist production of Plínio Salgado and see how this was reflected in integralism.

KEYWORDS: Plínio Salgado, Modernism, Integralism.

A produção modernista de Plínio Salgado e suas influências no integralismo

Plínio Salgado não foi um dos organizadores tanto da Semana de Arte Moderna, como Mário e Oswald de Andrade, Menotti de Picchia Anita Malfatti, entre outros – mas do grupo que foi se agregando ao movimento entre os anos de 1922 e 1924 – como Cassiano Ricardo, Agripino Grieco, Alceu Amoroso Lima, etc. (CÂNDIDO, CASTELO, 1983)

Embora Plínio Salgado seja sempre lembrado dentro do modernismo como escritor, principalmente pela trilogia “crônicas da vida brasileira”. Em destaque a obra *O estrangeiro* de 1926, seu despertar literário se deu a partir da poesia, e não da literatura. Suas preocupações até esse livro eram voltadas para a produção e discussões em torno da poesia.

Na palestra que proferiu no segundo dia da Semana, del Picchia ilustrou a sua fala com poesias e trechos de prosas que refletiam o “novo espírito moderno” e Plínio Salgado foi um dos autores citados (ALAMBERT, 2004). A partir de então, foi apresentado como um poeta vinculado “ao novo espírito”.

Contudo, o despertar da poesia de Salgado foi anterior. Em 1919 publicou *Tabor* livro de poesias, marcadamente em estilo parnasiano, mas que já demonstrava certas características modernistas.¹ Este livro foi a reunião de poesias que publicou em

1 De acordo com a biografia feita por sua filha, sua primeira manifestação literária foi através de uma poesia composta quando estava na escola primária em sua cidade natal São Bento. Ver: LOUREIRO, 2001. Apesar do tom ufanista de exaltação da memória do próprio pai, o texto apresenta o mérito de apresentar dados memorialísticos da autora e dados pontuais, como o encontro de Salgado com lideranças e personalidades, etc. Ou seja, memórias contrapostas com documentos pessoais, que ao pesquisador serve como uma fonte auxiliar.

um jornal literário, chamado “Albor”, em sua juventude.

Na revista *Klaxton*, principal voz do modernismo nos seus primeiros passos, Plínio Salgado, foi um dos colaboradores e também publicou uma de suas poesias, já desvinculado do estilo parnasiano e completamente inserido na “vanguarda modernista” (SALGADO, 1922: 4), conforme indicação abaixo:

O eco

Nas cristalinas lâminas da serra
nebrilha a sua voz, na multidão das vozes.
Cada encosta é um espelho; cada espelho
reflete a imagem do seu canto

Canção magoada... noiva triste...
mira, remira o límpido cristal...
É a voz do sabiá multiplicada
num grande coro de sabiás!

Como esse canto se namora!
Como vaidoso fita a própria imagem
Sobre a paisagem colorida,
o panorama da Sonoridade...
O eco é a multidão das imagens sonoras
na face pura dos espelhos invisíveis...

Canta sozinho... todos os pássaros morreram...
Só ele vive, o solitário...
Canta! E cantando opera
o alto milagre da Ressurreição!

Canção magoada... como se enamora
nas arias simultâneas que desperta,
no mimetismo das suas sombras!

Canção magoada... noiva triste...
voz do sabiá sozinho, nunca estarás sozinha
nunca terás esta impressão desoladora
da minha dor que não achou ainda
que ainda não viu, para se enamorar

na lâmina pura das almas,
como vê nas lâminas da serra,
desabrochar o desenho da sua imagem!

Uma interpretação para esse poema seria o “eco” ser a reverberação do modernismo “nas cristalinas lâminas da serra”, ou seja, São Paulo. E com esse “eco” que “cantava sozinho”, porque todos os demais movimentos teriam morrido, e apenas o modernismo, permaneceria e realizaria o “milagre da ressurreição” das artes brasileiras. Em resumo, o poema, poderia ser interpretado como uma típica produção modernista, da primeira fase: combativa, iconoclasta e que procura apresentar apenas o modernismo como representante das artes brasileiras. Uma característica interessante desse poema é o fato de apresentar uma referência religiosa, mesmo que desvinculado de um sentido religioso, mas que é um traço peculiar na produção de Salgado ao longo de toda a sua vida, mesmo antes de sua adesão ao modernismo², perpassando o integralismo até a sua morte em 1975.

Junto a sua atuação como poeta, Plínio Salgado também se preocupou com a poesia que era produzida pelos autores modernistas. Ainda em 1922 buscou compreender essa poesia que era produzida dentro de São Paulo, que nesse ano seria a base do próprio movimento. O resultado de suas reflexões está no texto *A poesia em São Paulo no ano do centenário da Independência*. É um texto bastante combativo, e que buscava compreender ou até mesmo fixar as bases do pensamento modernista dentro da poesia. Para ele: “a poesia, como toda a literatura paulista, é, no atual momento, uma expressão tão complexa de tendências e influências, de caracteres raciais confusos e de circunstâncias tão diversas, que um espírito sensato, uma vez senhor da situação geral das nossas letras, teme qualquer tentativa de classificação ou síntese” (SALGADO, 1957 [I]: 157).

Assim, estariam atravessando um “período neutro”, em

2 Plínio Salgado antes de sua adesão ao modernismo publicou um livro específico sobre questões religiosas, pouco conhecido e muito difícil de ser encontrado. Ver: SALGADO, 1921.

que não haviam “aspirações coletivas nem fenômenos sociais generalizados”. Naquele momento não haveria “uma escola artística ou literária [...] seria aliás, o absurdo”, pois não tinha nenhum fato predominante para atrair as atenções “seja ele estético, político, filosófico ou referente a simples acontecimentos regionais” (SALGADO, 1957 [I]: 157).

Essa poesia paulista, de acordo com a sua visão, “é uma verdadeira mostra de variedades, que não denuncia na semelhança das técnicas ou afinidades de assuntos, a influência poderosa de um fato exterior único nem os impulsos de uma tendência interior única” (SALGADO, 1957 [I]: 139).

Dentro dessa visão não havia um pensamento único e coerente, que pudesse gerar uma corrente, daqueles apegados à antiga estrutura, pois todos estariam presos a grilhões de reminiscências de escolas antigas: “temos neoclássicos, românticos, parnasianos, simbolistas, neoparnasianos, regionalistas, futuristas, nefelibatas e revolucionários independentes. Faltaria um elemento de ligação dentro do pensamento artístico:

Sem um forte idealismo político, moral ou religioso, cada espírito é, por enquanto, um gesto a procurar um roteiro seguro. Rondam em torno das teorias de arte codificadas e vigentes pensamentos esparsos de rebeldias ainda nebulosas. Do caos deverá nascer a luz. (SALGADO, 1957 [I]: 142-143)

Essa “luz” quebraria com a “neutralidade” das artes naquele momento e iniciaria as bases de um novo pensamento, o modernismo.

Num período assim, que se afigura neutro, pelas suas incoerentes reações artísticas, pelas mutabilidades verificadas no tipo fregolesco do escritor que se inicia em várias escolas para a todas renunciar, sem cantar vitória dentro de nenhuma, a única atitude da crítica deve ser a de aconselhar a redução de todas as inteligências a um denominador comum de cultura, bem orientada e dirigida. Nossa grande poesia, moldada no ambiente contemporâneo, dirigindo-se aos homens de hoje, em nome das emoções contemporâneas, pousará, só assim, sobre uma base sólida e ela mesma indestrutível. (SALGADO, 1957 [I]: 143)

Plínio Salgado ainda apresenta o modernismo como um movimento em marcha, contudo salienta a necessidade de uma orientação para colocar ordem dentro das várias “linhas de pensamento” nas letras.

As revoluções da arte moderna serão um perigo para os povos sem cultura; agirão como elemento dissolúvel em vez de construtor; desorientarão completamente os “novos” e corresponderão para o senso estético das turbas a um movimento de anarquia e de regresso.

Não é preciso apenas marchar, porém, saber marchar, e marchar com segurança. Ora se o avanço é fatal na arte, que é a síntese da grande ofensiva acentuada nos dias de contemporâneos, preparemo-nos para não resvalar nos declives da decadência que é, indiscutivelmente também, um modo de marchar. (SALGADO, 1957 [I]: 143)

Posteriormente apresenta exemplos de poetas que representam o “novo espírito moderno”, em que destaca Menotti Del Picchia, com as obras *Poemas do Vício e da Virtude*, *Moisés*, *Juca Mulato* e *Máscaras*; também Mário de Andrade, autor de *Paulicéia Desvairada*.

Não há necessidade de discutir o extenso arrolamento de obras e autores que Plínio Salgado discute, e sim a sua leitura sobre o movimento, principalmente no fato de querer introduzir uma ordem ou organização, tentando estabelecer uma espécie de base para o movimento, mesmo que ele mesmo aponte os vários matizes e vieses que tornavam tão eclético a produção das artes literárias nesse momento. Principalmente se levarmos em conta que, pelo menos nesse princípio, o movimento pregava sua independência por não ficar preso a modelos filosóficos, teóricos e estéticos. Ao mesmo tempo é interessante notar que vários elementos que o autor apresenta como básicos para que o modernismo se tornasse um movimento significativo ele vai introduzir, pelo menos no discurso, no integralismo. Como um “forte idealismo político, moral ou religioso”, além de expressões de cunho religioso como “do caos nascerá a luz”, além de uma noção de processo evolutivo, da questão da marcha. Isso é indispensável quando levamos em conta que é nesse período que começa a ser gestado nele o pensamento nacionalista que

culmina na AIB, dez anos mais tarde.

No ano de 1926, parte para a literatura, com duas obras *Discurso às estrelas*, uma coletânea de crônicas e *O estrangeiro*, o primeiro volume da trilogia “crônicas da vida brasileira”. Como apontou na reedição de 1956:

“Discurso às estrelas” é também, uma preparação dos trabalhos de teor puramente literário que da mesma pena saíram nas páginas de “O estrangeiro”, “O esperado”, “O cavaleiro de Itararé”, “Geografia sentimental” e outros, não se excluindo, sob muitos aspectos, a “Vida de Jesus”.

Editado depois de “O estrangeiro”, este livrinho foi escrito antes daquele romance, num período de experiências do estilo moderno, em que o autor se preparava para a composição da sua obra, que foi a primeira a surgir sob a inspiração revolucionária da arte, nos domínios da ficção. (SALGADO, 1957 [II]: 9)

Dividido em oito pequenas crônicas cujo tema principal é a religiosidade. Elemento central de três delas: 1º “O sentimento de tragédia”, sobre a Paixão de Cristo e a Páscoa; o 3º “O drama mais velho do mundo”, um diálogo entre Adão e o Diabo; 7º “Sonho de bebê”, sobre o mais importante bebê de todos os tempos que seria Jesus Cristo. A 2ª crônica “Os bondes, os homens e a vida” aborda a questão da modernidade e como ela afeta a vida das pessoas na cidade grande. Já a 4ª “O desconhecido” aborda questões da família. A 5ª “Os deuses medíocres” versa, a partir de metáforas sobre a natureza, a questão dos gênios e artistas. A 6ª “O elogio de Sancho Pança”, é uma leitura de Salgado sobre os personagens de Miguel de Cervantes. Por fim, na 8ª crônica, “O belo poema do Léxico”, versa sobre as letras e a poesia, também apresenta referências religiosas.

A obra *Discurso às estrelas* abre para Salgado o caminho para o escritor. Esse é ponto maior desse texto no conjunto da obra, que fica registrado apenas o fator religioso em destaque. Entretanto, deve ser ressaltado que o estilo das crônicas é nitidamente modernista. Sem regras ou normas pré-definidas ele varia a forma em que são apresentadas as histórias. Também cabe destacar que este livro, igualmente como aconteceu com *Tabor*, de 1919, é uma compilação de textos publicados pelo autor entre 1921 e 1923. De

acordo com o próprio Salgado:

Corriam os anos de 1921 e 1923. Comecei minhas experiências nas colunas do “Correio Paulistano”. Eram escritos que, posteriormente, saíram enfeixados num pequeno volume que intitulei “Discurso às estrelas” [...] onde se pode ver, claramente, o prenúncio da forma adotada em “O estrangeiro”. (SALGADO, 1957 [III]: 368-369)

Mas de toda a produção literária a obra *O esperado*, publicado ainda em 1926, é aquela que tem a maior expressão, seja pelo o seu papel dentro do modernismo ou pelo papel que teve dentro da obra de Salgado.

O próprio Salgado reconheceu a importância dessa obra em vários momentos de sua vida, porém, em dois merecem destaque.³ O primeiro foi na obra *Despertemos a nação*, de 1935, já quando ele era a liderança máxima dentro da Ação Integralista Brasileira.

O meu primeiro manifesto integralista foi um romance. Quatro anos levei a meditá-lo e a escrevê-lo, desde uma luminosa manhã de setembro em que viajei pelo sertão paulista, onde o Tietê explode nas pedreiras do Avanhandara. A tragédia da raça e o poema lírico da Terra desvendaram-se aos meus olhos cantaram nos meus ouvidos. Uma noite, em que o acaso me levara a rua. Visconde de Parnaíba, em frente ao prédio silencioso da hospedaria dos imigrantes, senti a voz do destino, escrevi o primeiro capítulo de *O Estrangeiro*. Em abril de 1926, publicou-se o romance; nunca mais abandonarei esta batalha. (SALGADO, 1957 [IV]: 9)

Aqui notamos o tom messiânico em que Salgado usava em suas publicações no tempo da AIB. Essa primeira leitura servia na época para apresentar o integralismo como algo mais longínquo,

3 Aqui achamos que devemos contar um fato interessante que aconteceu quando estávamos fazendo o levantamento de fontes para escrever sobre *O esperado*. Depois que já havíamos selecionado os textos para citar a importância da obra para Salgado, tivemos acesso à tese de doutorado em Ciência da Literatura de José Eliseu de Barros, sobre as obras *O esperado* e *O estrangeiro*. O autor, em dois momentos diferentes, cita os dois exemplos semelhantes aos que selecionamos para usar no nosso trabalho. O curioso é o fato de dois autores que trabalham em áreas diferentes utilizem exemplos semelhantes das mesmas obras. Ver: BARROS, 2006:13 e 23-34. A diferença é que o autor coloca em sua tese de forma literal todo o texto de Salgado sobre os trinta anos de *O esperado* enquanto eu faço apenas citações pontuais.

e o vincular a expressões da nacionalidade, no caso específico, o modernismo, que seria algo maior do que o movimento político.

A segunda vez foi dentro do livro *Sentimentais*, publicado cerca de trinta anos depois do lançamento de *O estrangeiro*. Nessa publicação, ele procura rememorar os acontecimentos que o levaram a escrever a obra e aqueles indivíduos que tiveram papéis importantes em sua publicação. O autor credita a inspiração para compor o livro foi a viagem que fez ao interior paulista, percorrendo várias cidades, em 1923. “Era a força da Pátria, a explodir convidando o Homem Brasileiro a aproveitá-la. Era a imagem de nossas potências anímicas, que deveriam ser captadas e dirigidas no sentido dos grandes ideais. Meu pensamento tomava corpo. O livro ia nascendo” (SALGADO, 1957 [III]: 361-362). Além dessa viagem, havia a vida na cidade, que refletia uma das bases do livro, o choque entre a cidade e o campo. Dos amigos que o cercavam ele coloca em destaque Raul Bopp, Cassiano Ricardo, Mário Graciotti, Manuel Mendes, Gabriel Marques, Plínio Melo, Augusto Frederico Schidt, Menotti del Picchia, Mota Filho e Alfredo Elis.

O estrangeiro foi considerado por alguns críticos como o principal romance produzido no Brasil nos anos 1920, com o crítico literário Wilson Martins (MARTINS, 1983). Como aponta José Eliseu de Barros, na fase inicial do modernismo predominava a poesia. (BARROS, 2006: 11) De acordo com o próprio Salgado, o modernismo tinha grandes expressões na área da poesia, contudo, não haviam intelectuais que produzissem obras em prosa, ou seja, romances modernistas.

Estávamos em plena revolução literária e artística. Até aquele momento, muito se discutia, mas nada ainda se havia realizado em prosa moderna. A produção do modernismo era exclusivamente poética revelando-se em valores da estirpe de Menotti, Guilherme, Ronald, Mário de Andrade, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Tasso da Silveira, os grupos de Belo Horizonte e de Cataguazes. Os prosadores continuavam a escrever em forma e estilo velhos, embora arremetendo contra estes. Não saíra ainda um romance representativo dos anseios renovadores da geração. (SALGADO, 1957 [III]: 368).

Logicamente *O esperado*, para Salgado, foi essa obra que iniciou a prosa dentro do modernismo, que não apenas seria o principal romance modernista, como a base da futura AIB. “Estava lançado, com ele, um grande movimento nacional, que mais tarde se corporificou na Ação Integralista Brasileira” (SALGADO, 1957 [III]: 373).

De acordo com Barros a poética futurística é a base estética nesta obra modernista de Plínio Salgado. (BARROS, 2006: 57)

No romance *O Estrangeiro* a identidade é total. A poética futurística era o modelo estético a ser seguido por Plínio Salgado em determinado momento de sua obra. Também outros modernistas brasileiros receberam forte influência da vanguarda européia que em nada se adequara ao contexto nacional onde a modernização se estabelecia.

Não faremos uma ampla análise da obra, porque outros autores já o fizeram, apenas gostaríamos de ressaltar alguns pontos que auxiliarão em nossa análise.

O romance é dividido em três partes: “A terra do saci”, “O boitatá” e a “Cabeça da mula sem cabeça”. Cada um dos capítulos recebe o nome de uma figura da mitologia brasileira. No primeiro o “saci”, que possui características das três raças que compõe o povo brasileiro: o indígena, o africano e o europeu. Surgiu entre os indígenas na região das Missões no Sul do Brasil, no norte do país com influência africana foi transformado em um negro que perdeu uma perna lutando capoeira, também herdou o pito, uma espécie de cachimbo da cultura africana. Do europeu, herdou o píleo, uma espécie de gorro, que era usado tanto por gregos como romanos em solenidades. Era um símbolo de liberdade. No segundo, o “boitatá”, que seria uma cobra de fogo que protegeria as matas contra aqueles que a incendiam, sua origem é indígena. Por fim a “mula-sem-cabeça”, representada, logicamente por uma mula sem cabeça e que relinchava e soltava fogo pelas ventas. É um mito brasileiro sem origem definida, está vinculado ao imaginário católico brasileiro, segundo uma mulher que seduzisse algum membro da Igreja Católica, principalmente padres, seriam transformados nesse ser.

Acreditamos não haver necessidade de fazer uma descrição da obra. Retiraremos apenas alguns elementos que auxiliem em nossa análise. Por essa mesma razão nos deteremos apenas na primeira parte, pois é nesse momento pode-se analisar a questão sobre a visão da brasilidade de Plínio Salgado: os problemas sociais e raciais, a oposição entre “serão” e “litoral”, a modernidade, o nacionalismo, a religiosidade que aparece em pequenas referências, mas que está sempre presente. Ou seja, elementos do seu pensamento, que estarão na futura AIB, mas que já estão aqui nesse momento presentes de forma embrionária nesse romance social.

Nessa primeira parte “A terra do saci”, Salgado apresenta os diversos personagens – junto com suas personalidades e elementos de sua origem social e racial⁴. Aqui podemos fazer uma relação com o saci, figura de nossa mitologia que simboliza a congregação de várias características étnicas da composição brasileira.

Em torno do personagem central, Ivan, um imigrante russo, que segundo o próprio autor é “a figura culminante do livro. Síntese de todos os personagens. Consciência de todos os males. Ação norteadora por um idealismo ‘a priori’ anulada pelos ceticismos cruéis, em face do utilitarismo ambiente e do preconceito esmagador. Pletora de personalidades contrastantes e incapazes” (SALGADO, 1926: 8). É através da fala desse personagem que apresenta a sua visão de sociedade:

- As instituições americanas repousam na rocha viva dos direitos do Homem. Quando desabar o dilúvio russo, as suas últimas ondas virão morrer aqui, de encontro com as paredes de Imigração, onde há um dístico, à maneira de sentença, a encimar um arco de triunfo. E a América, então, reconstruirá o que estiver destruído no mundo.

Distraia-se olhando a noite. Mas o seu pensamento voltava:

- Aqui, sem prerrogativas de nascimento, sem brasões nem escudos de armas, efetiva-se o ciclo da evolução social. O homem entra pela porta da escravidão e sai pela da opulência. E apenas os fracos sucumbirão na luta, em que se forja o Deus-Ciclope-Indivíduo. (SALGADO, 1926: 19)

4 Utilizamos o termo “racial” e não “étnico”, pois o autor faz questão de ressaltar as diferenças “raciais”. Ou seja, a questão racial é muito importante para o autor, por isso mantivemos o termo utilizado por ele.

É interessante notar que nessa citação dois pontos centrais da pregação ideológica da futura ideologia integralista: a união das raças e miscigenação (“as paredes de Imigração”) e o “fantasma” do comunismo (“quando desabar o dilúvio russo”).

A sociedade apresentada pelo autor é composta por dois grupos raciais: o caboclo (miscigenação entre o índio, o africano e o europeu) e pelo europeu (colonos europeus e fazendeiros luso-brasileiros).

Os caboclos constituiriam a expressão pura da brasilidade para Plínio Salgado, mas que estariam diminuindo e perdendo a sua identidade diante da “invasão” européia.

Ivan queria ver um caboclo autentico. Contou-lhe um amigo que eram raros. Quase todos estavam no sertão. Poucos ficaram nas redondezas, cantando a viola, empalamados.

Alguns, - pequenos agricultores, taverneiros, carreadores ou peões, exceção feita ao Zé Candinho -, andavam por ali, mas guardavam poucos traços do caboclo genuíno, ou antes, eram uma expressão inferior do caboclo.

O legítimo, esse prosseguia a sua faina, rumo das brenhas, afastando-se da onda absorvente dos estrangeiros.

Dizia exaltado, num largo gesto:

- Caboclo, Hércules em fuga, a rebentar portas de bronze! (SALGADO, 1926: 29)

Aqui podemos observar outro traço do pensamento de Salgado e que terá bastante destaque na futura AIB, a relação entre o “sertão” e o “litoral”, onde o primeiro manteria a pureza do “espírito brasileiro” e o segundo por onde chegaria a influência estrangeira, que corromperia a “brasilidade”.

Os colonos (principalmente ele ressalta os imigrantes italianos) trariam com eles o trabalho e a modernidade. Enquanto os fazendeiros, os luso-brasileiros, garantiriam a manutenção dos valores sociais e dos velhos costumes, estes que entrariam em conflito com a nova onda de modernidade, demonstrado no livro pelo “ciclo ascendente do colono (os Mandolfis [família de imigrantes italianos]); ciclo descendente das raças antigas (os Pantojos [tradicional família de luso-brasileiros]).” (SALGADO,

1926: 7) Ou seja, um choque entre o velho e o novo.

Na trama, os elementos sociais e raciais entram em conflito, que são apresentados através do preconceito, tanto racial: “Carmine Mandolfi [imigrante] não via com bons olhos a pretensão do Zé Candinho [caboclo]. A sua irrevelada aversão ao mameluco ficava no fundo subconsciente, entre consideração e desprezo” (SALGADO, 1926: 72-73). Também pela econômica e política: “- Esses estrangeiros, concluiu, chegam aqui com uma trouxa às costas, e logo são fazendeiros, prefeitos, delegados, chefes políticos. Deprimem os brasileiros e, no caminho que vamos, não tardará o dia em que seremos súditos de Vitor Manuel” (SALGADO, 1926: 84).

O conflito é resolvido através da concepção de miscigenação entre a cultura européia e a brasileira, onde Salgado, através do seu personagem Ivan, apresenta seu ponto de vista:

Ivan dizia a Floriano:

- Realmente, a moeda do imigrado está nas suas veias. Em compensação, os povos que assim pagam à terra o preço da vida, compram a vida eterna. Que hoje é a faixa de terra de onde partiram os navegantes de Sagres? Um casco de navio, mordido de ferrugem, que encalhou na História. Mas Portugal viverá sempre deste lado do oceano, porque se fez a eucaristia da terra bárbara.

Pantojo entrou na conversa:

- Portugal explorou o Brasil, sem senhor!

E Martinho acolitou:

- Isso, coronel! Muito bem!

Floriano explicou:

- O que Ivan quer dizer eu entendo: os reis portugueses levaram o ouro, mas pagaram com sangue e alma do seu povo> O proveito material...

E Ivan concluiu:

- Por isso, digo: o ideal de “italianidade” é uma ilusão de ótica dos que ficaram na Itália. E refiro-me à concepção de “italianidade” adotada por “Dante Alighieri”, que é uma instituição obcecada e impertinente. Os que aqui estão são glóbulos da Pátria Nova, em que Itália será eterna, como Portugal. (SALGADO, 1926:85-86)

Aqui aparece uma concepção de nacionalismo, este que já havia ficado latente nas reflexões do personagem Ivan sobre o

“novo” e “velho” mundo. “Pensava, ao embarcar para a América, viesse matar a sede de liberdade que requeimava as entranhas do seu povo. Mas a liberdade no Novo Mundo era uma relação de equilíbrio, uma expressão intermédia, que não desalterava o homem secularmente comprimido pela laje do despotismo.” (SALGADO, 1926: 51)

Além desse nacionalismo regado pelas reflexões de Ivan, sobre o velho e novo mundo e suas ponderações sobre a miscigenação dos povos dentro da “Pátria Nova”, o autor apresenta o seu traço ufanista. Através do personagem Juvêncio, um professor primário, apresentado por ele no prefácio do livro “o nacionalismo latente corporificado no mestre-escola” (SALGADO, 1926:7). É o personagem que ensina as crianças os valores nacionais:

As crianças das Escolas Reunidas eram filhos de italianos, espanhóis, japoneses, sírios, mulatinhos espertos puxados ao português. Cantavam o Hino Nacional e respondiam na ponta da Língua, se lhes perguntavam – quem descobriu o Brasil?
- Foi o almirante português Pedro Álvares Cabral. (SALGADO, 1926: 30)

O mesmo Juvêncio – provavelmente um Alter Ego do escritor – emociona-se diante dos símbolos nacionais.

A bandeira flutuava – palpitante cabeleira – na ponta do caule esguio, que era um homem comprido e entusiasmado.
O gavião no alto – pinhé! Pinhé! – descrevia grandes círculos azuis. E as vozes afinadinhas:

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico o brado retumbante...
Juvêncio vibrava. Nem uma nota fora do compasso! Eram unisonas, como saídas de uma só boca, de um só peito, de um só coração. (SALGADO, 1926: 30-31)

Também é através desse personagem que Plínio Salgado apresenta a sua noção sobre política e os partidos políticos, muito semelhante ao que aparecerá nos escritos dele na década seguinte, já convertido em líder integralista. Na fala de Juvêncio:

- Não é admirável o fato de não termos partidos. Não há partidos sem povo e, em São Paulo, ainda não há povo, mas elementos em combate para a fixação da coletividade tipo. Nossa consciência não se orienta ainda num sentido definitivo. Adiantamos, pois, o problema das idéias para quando tivermos resolvido o do progresso material, da organização econômica, sobretudo o do predomínio de um dos determinados cursos das correntes raciais. Precisamos de estradas, de escolas. Todo o sentimento de divergência partidária, resto do antigo caráter, que apenas provisoriamente, se expressara, será antecipação desastrosa.

O romance social *O estrangeiro* marca um momento de inflexão na obra modernista de Plínio Salgado. Suas preocupações passam da produção e análise literária para um discurso que ultrapassa o âmbito das artes e assume proporções de pregação política. Ainda sob efeito dessa obra publicou “A anta e o curupira”, surgido de uma palestra que ministrou nas dependências do jornal *Correio Paulistano*. Nessa ocasião recebeu de seus amigos uma placa de bronze pelo fato de ter editado o romance. No corpo do texto, vários temas que aparecem dentro da fala e das ações de seus personagens (que também eram elementos do pensamento do autor) são apresentados de forma didáticas, marcados pelo “pragmatismo” de Plínio Salgado. Aqui o nacionalismo sobressaiu-se como elemento central, inclusive sendo o ponto inicial da palestra: “estes dias inquietantes que estamos vivendo no Brasil, exigem da nossa geração uma atitude sem precedentes. Chegou o momento de tomarmos uma resolução suprema: revestir-nos da coragem de nos confessarmos brasileiros (...)” (SALGADO, 1957 [V]: 31).

Dividido em doze pontos didaticamente doutrinários, o texto abrange vários aspectos da “nacionalidade” e do “nacionalismo”, que deveria, dentro da visão de Plínio Salgado, ser o ideal que deveria ser alcançado por todos os brasileiros. Para ele a “Pátria” era uma “fatalidade humana”. Dessa forma, “quem se libertar da Pátria, fazendo desta apenas um objeto curiosos de estudo, tornar-se-á o escravo mesquinho de todas as outras pátrias” (SALGADO, 1957 [V]: 32). O nacionalismo dentro de sua concepção era uma forma de libertação do jugo externo: “Eximidos do que chamamos ‘os prejuízos do preconceito nacionalista’ eis-nos optando pelos

prejuízos de arbítrios exteriores, puramente pessoais. Somos postos à venda, a retalhos, no bazar cosmopolita” (SALGADO, 1957 [V]: 32).

A arte fica, nesse texto em segundo plano, e aparece em apenas três dos doze pontos e mesmo assim, utilizados para ressaltar o caráter nacionalista das artes no Brasil. “É o velho refrão, desde o ‘dadaísmo’, que a arte corresponde a um estado de espírito. Acredito que nós, brasileiros, temos o nosso estado de espírito, que não é o dadaísta. Um estado de espírito é uma forma de ambientação. Nosso ambiente tem que ser brasileiro.” (SALGADO, 1957 [V]: 42) Ainda, segundo ele:

Para não cairmos numa nova onda de falsa literatura, ou pesquisa literária burocrática – que é a feição predominante de grande parte da modernidade brasileira – é necessário que nos integremos no Brasil. Pelo sentimento de brasilidade, não de patriotismo *a priori*. Esse sentimento tem raízes profundas na Nacionalidade porque provém da primeira raça que aqui viveu. O sangue negro, o português, o espanhol, o italiano, o alemão, o asiático, tudo aqui entrou, mas não o destruiu. Modificou-o para melhor (SALGADO, 1957 [V]: 48).

A conclusão do texto mostra esse nacionalismo embrionário de Salgado em uma forma mais próxima do discurso integralista: o ufanismo, o providencialismo, o retorno às origens nacionais...

Mais do que um símbolo nacional, símbolo humano que supera a D. Quixote e todas as outras criações – o “Curupira” há de descer um dia do sertão, lá de onde está a voz que chama, acompanhado de seus milhões de pirilampos, escoltado pelas hordas das caimitas e das capivaras, montando a anta, seu cavalo e totem da raça tupi, para a invasão das cidades e a grande revolução do pensamento nacional, de que somos batedores, destinados ao sacrifício. Só então, será proclamada a nossa independência, já claramente esboçada, e teremos uma arte humana e universal, possuindo uma política brasileira, com raízes profundas na terra americana e na alma da Pátria (SALGADO, 1957 [V]: 53).

É interessante notar, neste trecho, a vinculação direta que Plínio Salgado faz entre a arte e a política. A política que, por sua vez, vai acabar tomando espaço ainda maior na sua produção. E

isso fica claro no manifesto *O curupira e o carão* escrito em conjunto com Cassiano Ricardo e Menotti de Picchia. O livro é dividido em nove artigos, assinados pelos três autores, não possuiu um elo entre os textos, que em última análise é uma coletânea de textos cujo tema central é a arte e nacionalismo e a oposição a correntes modernistas opostas a esses ideais.

A obra foi publicada em 1927 pela editora de Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia, a Editora Hélios, cujas principais publicações eram a da “Coleção Verde-Amarelo”, voltadas a divulgação de sua “visão” modernista, que com *O curupira e o carão* tiveram o seu manifesto de oposição à corrente de Oswald de Andrade, “Pau-Brasil”. O manifesto segue uma ordem de guerra a Oswald de Andrade:

Em três correntes dividiu-se o grande rio [modernismo]: a de Mário de Andrade com, os extremistas; a do “Pau-Brasil” importado da França por Villagaignon e lavrado por Oswald de Andrade e a nossa Verdeamarela, que quer conter, vivas, a alma e a paisagem da Pátria.

Se um espírito comum é o Deus tutelar das três igrejas, cada uma criou seu Evangelho e seu rito. A nossa está para a de Mario como a igreja católica para a grega ortodoxa. Oswald é o heresiarca, quase huguenote, a quem reservamos uma noite de São Bartolomeu... (PICCHIA, RICARDO, SALGADO, 1927: 14-15)

A arte nesse manifesto é o “campo de batalha” do nacionalismo e da nacionalidade. “O culto do país é uma consequência de processos inspirados num ideal muito mais superior e humano. Arte é sinceridade. Nesta sinceridade vão os tons fortes do sangue e da terra. Portanto, toda obra de arte é nacionalista” (PICCHIA, RICARDO, SALGADO, 1927: 41).

Nesse livro os três autores apresentam as bases do pensamento em comum que têm do que deve ser a arte e do que é o nacionalismo. Suas oposições às correntes inimigas, principalmente no tocante a influências externas, que levariam a uma dependência de nossas artes. Aliás esse é um dos temas mais recorrentes.

Nas palavras de Menotti del Picchia:

A nossa estética é de reação. Como tal é guerreira. O termo *futurista*, com que erradamente nos etiquetaram, aceitamo-lo porque era um cartel de desafio. Na geleira de mármore de Camarra do parnasianismo dominante, a ponta agressiva dessa proa verbal estilhaçava como um ariete. Não somos, nem nunca fomos “futuristas”. Eu pessoalmente abomino o dogmatismo e a liturgia da escola de Marinetti. Seu chefe é para nós, um precursor iluminado, que veneramos como um general da grande batalha da reforma, que alarga seu “front” em todo o mundo. No Brasil, não há, porém, razão lógica e social para o *futurismo ortodoxo*, porque o prestígio do seu passado não é de molde a tolher a liberdade de sua maneira de ser futura. Demais, ao nosso individualismo estético, repugna a jaula de uma escola. Procuramos, cada um atuar de acordo com o nosso temperamento, dentro da mais arrojada sinceridade (PICCHIA, RICARDO, SALGADO, 1927: 20-21).

Para Cassiano Ricardo haveria uma grande divisão entre as correntes nacionais e as adversárias, que sofrem influências externas, ou seja, em seu pensamento também é voltado, assim como Salgado, para a questão do “sertão” e do “litoral”.

Dentro de nossa originalidade como povo livre é que nós da taba verdeamarela procurando a melhor forma de expressão para revelar o Brasil. Os outros também, não há dúvida. Mas há uma diferença enorme de processos e de atitudes. [...] O caso, entretanto, é que eles, a começar pelo começo estão errados: olham o nosso país visto do litoral; nós procuramos olhá-lo, visto do centro. Quando querem descobrir o Brasil, metem-se a procurá-lo nos livros (os que não foram à Europa) ou vão achá-lo na “rue de la Paix” (os que passeiam a sensibilidade displicente a bordo dos transatlânticos). Ao passo que nós, quando queremos certificar-nos da nossa existência e da nossa originalidade, enveredamos pelo país a dentro. [...] Os nossos adversários são adeptos da cultura importada e das receitas de inteligência: são dadaístas, futuristas, expressionistas, cubistas, impressionistas, principalmente francesistas; nós não. O que propugnamos é a criação de uma cultura nossa, viva e intelectual. Americana e brasileiro (PICCHIA, RICARDO, SALGADO, 1927: 47-48).

É interessante o traço de Ricardo no tocante a leitura dos adversários e sua oposição em estilo e prática. Pelo menos é o que propunham. Como um manifesto de oposição, Oswald de

Andrade é o principal adversário, e é combatido principalmente por Plínio Salgado.

A poesia do Oswald de Andrade é muito gostosa, mas é servida à francesa. Pega daqui um elemento, pega outro, e vai fazendo pratinhos de estilo com ingredientes da terra. É fragmentária como experiências. É muito mais registro de nativismos, material que vai juntando. Há um grande mérito no Oswald. A sua pesquisa é paciente como a dos dicionários de regionalismos, de idiotismos. Essa sua ocupação deveria levá-lo para a Academia. Quando a forma brasileira se cristalizar no futuro Silogeu, ele será o patrono de uma cadeira (PICCHIA, RICARDO, SALGADO, 1927: 74).

Logicamente a corrente de Plínio Salgado defenderia o oposto:

A nossa Academia Verde Amarelo é constituída de espíritos anti-acadêmicos. Quer dizer que é justamente o contrário de uma academia. A primeira condição para fazer parte é não ser literato. A segunda é divergir dos companheiros, e nisto estamos todos de acordo. A terceira é mandar às favas a Europa, desde Racine a Cocteu. A quarta é ser brasileiro nato, eleitor, maior de idade. [...] Quer dizer o cidadão tem que ser brasileiro (PICCHIA, RICARDO, SALGADO, 1927: 75).

Nessas duas citações de Plínio Salgado fica latente outra característica da futura AIB, uma oposição sempre marcada pela contraposição direta ao inimigo, em um embate que tem dupla função: a oposição propriamente dita e uma “demarcação de território” através de uma definição de identidade.

Fica nítido em uma análise desse manifesto que a tomada de posição dentro do modernismo para os verdeamarelos de Salgado, Picchia e Ricardo, é política e marcada por um embate ideológico nacionalista. Já está presente não apenas nos escritos de Plínio Salgado, como em seus dois companheiros. Contudo é Salgado que tenta definir, ou pelo menos corporificar o pensamento dessa corrente modernista através da vinculação entre arte e política. Aliás, que é o tema central de outro de seus estudos teóricos *Literatura e Política*, de 1928.

A obra é dividida em artigos, semelhante ao *Curupira e o*

carão, não possui uma vinculação orgânica entre eles. Nesse texto ele vai pregar um papel militante dos literatos na sociedade, engendrados pelo caráter nacionalista. “É fácil compreender toda a extensão das conseqüências da destruição dos ídolos literários do Passado. Chegou o momento da intelectualidade brasileira influir decisivamente nos destinos do país, como aconteceu na Rússia, com Dostoiewsky, Tolstoi, Máximo Gorki, Turgueneff, Kroprotckine [...]” (SALGADO, 1957 [VI]: 30).

Nesse texto o pensamento de Salgado já está bastante cristalizado. As críticas a Oswald de Andrade e seus “comparsas” seguem o mesmo padrão de *O curupira e o carão*, contudo as críticas ao comunismo, ao liberalismo e ao imperialismo atingem um ponto muito semelhante ao que vai ser a futura AIB.

Como podemos observar nos trechos abaixo. O primeiro deles sobre o imperialismo:

Abatida a doutrina imperialista nos domínios das relações internacionais dá-se, por assim dizer, um fenômeno geológico no equilíbrio moral dos povos. A submersão de um continente de idéias políticas corresponde, na humanidade contemporânea, ao surgimento de um continente novo: instintos comerciais inconfessáveis, consolidando-se em princípios econômicos (SALGADO, 1957 [VI]: 62).

Junto às críticas ao sistema liberal baseado no sufrágio universal apresenta suas reticências:

O sufrágio universal dá ao patrão dá ao patrão e ao operário a faculdade de depositar, nos comícios de que saem eleitos os dirigentes e legisladores [...] Todos são iguais. Cada voto é a “unidade”...A organização das elites dirigentes, por processos seletivos, torna-se impossível na prática, em conseqüência do preconceito democrático da igualdade de direitos. Origina-se desse fato, nova burla, que tende a agravar-se cada vez mais, à proporção que os idealistas utópicos, fundamentados no princípio da Revolução Francesa. [...] A igualdade dos direitos políticos é o controle da liberdade num sentido meramente teórico, liberdade essa abandonada às suas próprias leis existenciais, nas contingências pragmáticas da vida econômica (SALGADO, 1957 [VI]: 62-63).

Ainda sobre o liberalismo: “Que rumo devem seguir os países novos, como o Brasil? Se pretendemos empreender a defesa da democracia, em face das prementes realidades econômicas dos povos, devemos colocar o problema sob o ponto de vista retardatário do liberalismo dos nossos partidos oposicionistas?” (SALGADO, 1957 [VI]: 64-65)

Essa pergunta surge diante de dois “problemas” pela lógica de Salgado para os males europeus, que afligiria os povos americanos “fascismo” e “comunismo”. “Aparecem duas tisanas para as doenças da Europa; o comunismo e o fascismo. Ambos materialistas, decretam a falência da democracia: ou triunfa o imperialismo econômico baseado no ‘nacionalismo’, no ‘fascismo’, na ‘ditadura militar’; ou vence o imperialismo político da Terceira Internacional” (SALGADO, 1957 [VI]: 64). O que é bastante interessante desse trecho é o fato do fascismo ser apresentado como uma vertente do materialismo e vinculado ao imperialismo. Nota-se, aqui, que o futuro líder da AIB ainda não está convencido das “benesses” do fascismo, que virá apenas com a sua viagem à Europa três anos mais tarde, contudo, a sua leitura sobre o comunismo segue o mesmo padrão da década seguinte.

Considerações finais

Para finalizar gostaríamos de fazer algumas ponderações sobre a produção modernista de Plínio Salgado. Em primeiro lugar gostaríamos de ressaltar o fato de vários elementos do movimento integralista já se fazem presentes no pensamento de Salgado nos anos de 1920. Isso fica claro em uma leitura mais aprofundada de seus textos. Mas, em segundo lugar, dentro dessa mesma leitura fica claro não são esses elementos que são fundamentais para o lançamento da AIB. Falta o elemento aglutinador no seu pensamento. E esse virá apenas na década seguinte, na viagem que Salgado fez à Europa, onde conhecerá a experiência fascista. Nesse ponto concordamos plenamente com Héglio Trindade, que, desde os anos 1970, afirma que o fascismo é esse elemento

central para a AIB.

Aqui gostaríamos de tomar uma posição, que talvez seja um pouco controversa, pois acreditamos que os pontos básicos da formação política de Salgado que vão surgindo tanto na sua formação jornalística, como literária, entram em anacronismo com a sua própria atuação política. Porque afirmamos isso? Vamos nos prender a uma leitura pontual dos elementos básicos que surgem em seu pensamento na década de 1920: aversão ao liberalismo e ao sistema político partidário; anti-imperialismo (anti-capitalismo no que se refere ao ingresso de capital externo, pois não apresenta críticas ao capitalismo nacional); apelo religioso; anticomunismo e anti-materialismo, e principalmente um nacionalismo ufanista, exacerbado e também xenofóbico, oposição entre “sertão” e “litoral”.

Não seriam anacrônicos se Salgado não estivesse imerso dentro da estrutura liberal do Partido Republicano Paulista e que toda a sua produção se deve aos contatos que fez (como Menotti e Ricardo) como redator do órgão oficial do Partido Republicano Paulista (PRP). Ou seja, as idéias que ele defendia eram exatamente opostas àquelas que ele, enquanto funcionário do Partido era obrigado a defender e aceitar. Também devemos levar em conta que Plínio Salgado chegou a se eleger deputado estadual pela agremiação, e não nos anos iniciais de sua formação e sim no período entre 1928 e 1930, que observamos em sua produção intelectual que seu pensamento já está bastante “amadurecido”. Como explicar que um membro do principal partido vinculado a mais poderosa oligarquia do país sendo contra ao liberalismo e ao sistema partidário? Como entender que um membro do partido que garantia a manutenção da sua força na supervalorização do seu produto (café) em detrimento de toda a produção das outras unidades da federação, fosse um ferrenho nacionalista?

Aí encontramos o anacronismo, na oposição entre discurso e prática. Pelo menos nos anos de 1920. Já na década seguinte, devido ao declínio das oligarquias com a Revolução de 1930 e sua experiência com o fascismo ele entra em um consenso entre sua atuação e pensamento, através do jornal *A Razão*, fundado em 1931 e que serviu para aglutinar seguidores dentro do pensamento

nacionalista que desenvolveu em seu período modernista, acrescido da experiência fascista que presenciou em sua viagem à Itália em 1930.

Finalizando, gostaríamos apenas de ressaltar que não podemos afirmar que o integralismo já estava gestado apenas na produção literária na década de 1920. Eles são fundamentais, sem os quais a AIB não existiria, mas é o caráter fascista da década seguinte que vai dar uma coesão a esse pensamento de Plínio Salgado.⁵

Referências:

ALAMBERT, Francisco. *A Semana de 22: a aventura modernista no Brasil*. São Paulo: Scipione, 2004.

BARROS, José Elíseo de. *O modernismo integralista nos romances O estrangeiro e O esperado de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CÂNDIDO, Antônio; CASTELO, José Aderaldo. *Literatura Brasileira: Modernismo*. São Paulo: DIFEL, 1983.

MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)*. Porto Alegre: PUCRS, 2009.

_____. *O inimigo mortal do sigma: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. Rio Grande: Pluscom, 2011.

PICCHIA, Menotti del; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio. *O curupira e o carão*. São Paulo: Editora Hélios, 1927.

5 No pós-guerra, os integralistas fizeram de tudo para desvincular a antiga AIB com o fascismo. Por isso buscaram “reconstruir” a imagem do antigo movimento, buscando “compreender” os elementos “nacionais” do pensamento de Salgado e a suas influências de autores brasileiros. Assim se apegavam a esses escritos da década de 1920, em que alguns dos elementos da futura AIB já se faziam presentes, e reeditavam textos publicados no período da AIB retirando ou reescrevendo trechos em que aparecia a citações que pudessem ser compreendidas como fascistas. Ou seja, tentavam apagar o principal elo do movimento integralista, o seu caráter fascista.

SALGADO, Plínio. O eco. In: *Klaxton: mensário de arte moderna*. São Paulo, n° 7, 30/11/1922, p. 4.

_____. *A boa nova: assuntos religiosos*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1921.

A poesia em São Paulo no ano do centenário da Independência. In: *Obras Completas*. São Paulo: Editora das Américas, 1957, vol. 19. (I)

_____. Discurso às estrelas. In: *Obras Completas*. São Paulo: Editora das Américas, 1957 (II)

_____. Sentimentais. In: *Obras Completas*. São Paulo: Editora das Américas, 1957, vol. 20, (III).

_____. Despertemos a nação. In: *Obras Completas*. São Paulo: Editora das Américas, 1957, vol. 10, (IV).

_____. A anta e o curupira. In: *Obras completas*. São Paulo: Editora das Américas, 1957, vol. 10, (V).

Literatura e política. In: *Obras completas*. São Paulo: Editora das Américas, 1957, vol. 19, (VI).

_____. *O esperado*. São Paulo: Editora Hélios, 1926.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo. O fascismo brasileiro da década de 30*. Porto Alegre: DIFEL/UFRGS, 1974.